

AS FASES DO LUTO FRENTE À CASTRAÇÃO

PIERASSOL, Alessandro Ferreira ¹
MOREIRA, Márcia Aparecida Magalhães
Trindade ²
SILVA, Kátia Aparecida de Souza ³
OLIVEIRA, Luciana dos Santos Montini ⁴
CARDOSO, Patrícia de Oliveira ⁵
FEITAL, Jhonathan de Oliveira ⁶
CORRÊA, Alexandre Augusto Macêdo ⁷
MOTTA, Bruno Feital Barbosa ⁸
TOLEDO, Jaqueline Duque Kreutzfeld ⁹

RESUMO

Freud traz a descrição do luto em fases e Derrida o sujeito do luto através do rastro, que segundo o autor é uma relação “vida/morte ou presença/ausência” que se faz registrar. Assim é possível pensar o luto na individualidade, no modo do sujeito ser afetado e afetar o outro. Para a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas, cujo objetivo geral foi investigar, a partir da visão de moradores da cidade de Ubá, Minas Gerais, como o luto é vivenciado através de suas fases, em perdas distintas. A pesquisa teve como objetivos específicos comparar a percepção dos entrevistados antes e depois de sua perda. A

1 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: alessandropierassol@gmail.com

2 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: marcia-trindade@hotmail.com

3 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: katia-souza@gmail.com

4 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: lulu-montini@gmail.com

5 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: patricia-oliveira@gmail.com

6 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: jhonathanfeital@gmail.com

7 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: coordpsi@fagoc.br

8 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: bruno.feital@fagoc.br

9 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: Jaqueline.kreutzfeld@fagoc.br



pesquisa contou com seis participantes, destes, dois que passaram pela perda de familiares, dois pela dissolução do casamento e dois pela perda de um membro. A proposta do presente artigo cumpre seu papel de mostrar essas peculiaridades onde o sujeito enfrenta o igual de maneira partícular.

PALAVRAS-CHAVE: Fases do luto. Castração. Luto. Rastro. Perdas.

INTRODUÇÃO

A perda coloca o sujeito frente a situações que o desafia em vários momentos da vida, sejam nas mudanças frente às fases do desenvolvimento humano, às amizades e aos amores perdidos, aos matrimônios desfeitos, à mudança de cidade ou de um país, enfim, toda situação que implica perda, levará o sujeito a uma reação que será de acordo com a sua estrutura psicológica. “É o trabalho pessoal, individual para se reacomodar a uma vida diferente após a perda de alguém ou algo muito valorizado, de reaprender o mundo, irreversivelmente transformado sem ele/a.” (JARAMILLO, 2006, p.198).

Há uma série de sintomas representados que levam a pensar sobre a posição do mesmo, e sua busca para se reorganizar psiquicamente diante da falta. A perda é um sentimento inerente à natureza humana, pois, a partir do momento em que nasce, começa a perder, perde-se o abrigo uterino, é o ciclo natural do desenvolvimento

humano. Mais tarde, o bebê ao perceber-se separado e singular, vai identificar-se de modo secundário com outro. Nesta separação, além do luto, haverá espaço para a melancolia, em que à perda, soma-se a idealização do objeto perdido, “perdido enquanto objeto de amor”, “perda objetual retirada da consciência” (FREUD, SE, XIV, pág.251).

O sofrimento da perda, embora inerente ao homem, é sempre uma experiência subjetiva, porém resguarda semelhanças quanto aos sintomas decorrentes da estrutura do sujeito. Na neurose, mediante o sofrimento, o inconsciente irá trabalhar para aliviar as tensões, recalcando os conteúdos insuportáveis. Tal mecanismo de defesa será útil, porém pode falhar, fazendo retorno sintomático (FREUD, 1996, pág. 135).

OBJETIVO GERAL

O objetivo dessa pesquisa é investigar, a partir da visão de diferentes moradores da cidade de Ubá, Minas Gerais, como o luto é vivenciado através de suas fases, em perdas distintas, a saber, a morte de um ente querido, a traição ou divórcio, e pessoas amputadas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Realizar uma comparação da percepção de vida do sujeito de diferentes idades, sexo, escolaridade, antes e depois de sua perda; investigar como os entrevistados reagiram diante da notícia da perda; analisar como se sentem hoje em relação ao objeto perdido e; avaliar se os entrevistados consideram ter ou não superado a perda vivida, identificando rastro em cada um deles.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse trabalho foi a pesquisa básica, de natureza observacional, de forma qualitativa, com objetivo exploratório e

procedimentos técnicos para pesquisa de campo, incluindo revisão bibliográfica e entrevistas. As entrevistas foram realizadas com duas pessoas que vivenciaram ou vivenciam o luto pela perda de um ente querido, duas sobre traição/ divórcio e duas pessoas amputadas. Todos os participantes residem na cidade de Ubá. As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise, ou escrita mediante a fala do entrevistado.

A pesquisa básica é aquela motivada pela curiosidade científica, que não tem o objetivo de gerar um produto ou lucro. A mesma tem como objetivo gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço científico sem a previsão de aplicação prática. Envolve verdades e interesses universais. (FONTELLES, 2009 pág. 6)

A pesquisa observacional constitui-se em uma coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (MARCONI E LAKATOS, 2003 pág. 190).

Os dados da pesquisa qualitativa podem contribuir para o estudo de construtos importantes como “criatividade” e “pensamento crítico” que por serem de difícil quantificação deixam muitas vezes, de ser mais extensamente investigados (DE ANDRÉ, 1983 pág. 66).

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI; LAKATOS, 2003 pág. 195).

O critério utilizado para inclusão dos participantes da pesquisa foram pessoas que vivenciaram alguma perda. Para alcançar uma variação quanto o motivo que levou ao luto, utilizamos como critério de exclusão pessoas que se identificavam nas perdas, buscando assim, um grupo de pesquisados heterogêneo quanto à perda vivenciada.

PERGUNTAS

- 1 – Como era sua vida antes dessa perda?
- 2 - Qual sua reação ao receber a notícia?
- 3 – Como se sente hoje em relação a essa perda?
- 4 – Você se considera como alguém que já superou essa perda?

O PROCESSO DE LUTO

O trabalho realizado pelo luto consiste em operar quando a realidade mostra que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido.

A resposta rápida e fácil seria que a “representação inconsciente (da coisa) do objeto* é abandonada pela libido”. Mas na realidade essa representação é constituída de inúmeras impressões singulares (traços inconscientes delas) e a execução dessa retirada de libido não pode ser um evento momentâneo, e sim, como no luto, um processo demorado, de lento progresso. (FREUD, 1914-1916 pág. 140)

FREUD (1915) afirma em seu texto sobre luto e melancolia que “O luto é, em regra geral, a reação frente à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que faça suas vezes, como a pátria, a liberdade, um ideal etc.” (p. 241). O luto não pode ser limitado apenas à morte, mas aos diversos tipos de perdas reais e simbólicas durante a vida. As mesmas ultrapassam a dimensão física, levando a perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto natural durante a vida (FREUD 1914-1916). Com relação ao desenvolvimento humano, quando há uma passagem de um ciclo para o outro, por exemplo, acompanha uma renúncia da natureza do indivíduo para a nova fase que ele está entrando.

O luto não pode ser visto como uma patologia e muito menos indicar um tratamento médico para ele, mesmo que ocasione um grave afastamento da conduta normal do indivíduo em

relação à vida, confia-se que será superado após determinado tempo. É inapropriado perturbá-lo e até mesmo prejudicial. (FREUD, 1914-1916).

Percebe-se que Freud, ao escrever seus textos em que envolve o luto e a perda, coloca de maneira peculiar suas experiências mórbidas ao longo de sua trajetória. Isso leva a imaginar o que o impulsionara a escrever tanto sobre o assunto. De forma abrangente, Freud coloca sutilmente em seus textos o que ele próprio também sentira no tocante à perda, no tocante à morte.

Com o advento da primeira Guerra Mundial, que durou de 1914 a 1918, observa-se que foram os anos em que Freud, iniciou os seus textos sobre perdas, sofrimentos diante das perdas, luto, depressão e morte, ditos em um dos mais impactantes momentos da história da humanidade. A primeira Guerra Mundial foi marcada pelo uso das armas químicas como os gases tóxicos, que levariam milhares de soldados e civis à morte por asfixia, dizimando campos e cidades, devastando tudo que estivesse ao alcance (GAY, 2012).

Enquanto Freud convivia com o morticínio e a devastação de 1914 a 1918, enfrentou também suas grandes perdas que o levaria a uma tristeza profunda. Seus três filhos haviam ido para a guerra e nunca recebeu notícias deles. “Era o ano de 1920, estava esgotado pela miséria da guerra, preparado durante anos para ter a notícia de que perdera um ou três de seus filhos. Assim, a resignação ao destino estava pronta” (GAY, 2012, p.427).

E nesse mesmo ano, Freud perde um de seus melhores amigos, Anton Von Freund e cinco dias após, sua amada filha Sofhie. Três anos mais tarde, Freud vai ao fundo do poço com a morte de seu neto Heinele de quatro anos, filho mais novo de Sophie. Sobre a criança ele escreve: “Ainda estou torturado na boca (sobre o câncer que acometera a mandíbula e o palato), e obcecado por uma saudade impotente pela querida criança. Ela significava o futuro para mim e assim levou o futuro consigo”. (GAY, 2012, p. 426, 427).

É em meio a essas perdas e desilusões diante da vida que Freud escreve alguns de

seus textos relacionados ao luto e melancolia, considerações atuais sobre a guerra e a morte, a transitoriedade.

Em seu texto *Luto e melancolia* de 1915, Freud deixa claro as características das fases do luto, abrindo um leque de discussões para futuros estudiosos sobre o caso. “A associação de luto e melancolia, mostra-se justificada pelo quadro geral desses dois estados” (FREUD, 1915 pág. 128), (visto que melancolia seria uma forma de luto mais intensa e profunda).

A melancolia se caracteriza em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima. Esse quadro se torna mais compreensível para nós se considerarmos que o luto exhibe os mesmos traços com exceção de um: Nele a autoestima não é afetada. (FREUD 1915, pg 129).

Observa-se nas cinco fases desenvolvidas por Kubler-Ross, pensamentos comuns às descrições de Freud, o que vem corroborar a questão que todo sujeito vive e passa pelas fases do luto, não necessariamente na ordem descrita e às vezes podem viver apenas algumas fases ou até permanecer em uma delas, não completando o ciclo do luto. “O tempo do luto é variável, podendo em alguns casos nunca terminar. Isto causa um agravamento somático, levando o enlutado a desenvolver doenças e configurar também uma depressão reativa.” (CATERINA, 2008 pág.25). Segundo Lily Pincus, “Não há tempo determinado para aquilo que foi chamado “fases do luto”, nem linhas distintas de demarcação para vários sintomas de pesar que possam encontrar expressão nestas fases.” (PINCUS, 1989, p. 107).

A CASTRAÇÃO

Alguns aspectos da teoria da angústia na obra de Freud destacam-se a relação de angústia e castração.

A segunda teoria freudiana da angústia a considera como um verdadeiro sinal de alarme, motivado pela necessidade de o eu se defender diante da iminência de um perigo. Trata-se eminentemente de uma reação à perda, à separação de um objeto fortemente investido. Logo, esta segunda teoria da angústia representa uma releitura que Freud faz a partir do momento em que inclui os novos elementos de sua doutrina: o Édipo e a castração. A angústia surge aqui basicamente como angústia de castração e está ligada à perda e à separação. Freud passará a considerar a angústia, enquanto angústia de castração, como sendo um dado universal. (Jorge 2007)

Freud (1924) enfatiza que a angústia era angústia de castração, ou seja, a angústia da falta. Ele aborda a angústia pelo viés da perda, onde castração está ligada a separação e perda. Freud explica a angústia da castração como um medo terrível de ser separado de algo que o sujeito julga de grande valor e importância. Então, entende-se castração por limitação e impotência, medo e angústia pela separação ou perda do objeto em questão. Com base nestes conceitos, pontua-se as cinco fases do luto, desenvolvido por Elizabeth Kübler-Ross, psiquiatra suíça, que pesquisou e trabalhou com esse tema em seu livro *A Morte e o Morrer* (1996).

AS FASES

A negação ou choque - Há uma grande dificuldade em entender e aceitar o que aconteceu. A dor da perda seria tão grande, não poderia ser real. A perda parece impossível nesse momento, ao ponto do sujeito não ser capaz de acreditar. Observam-se nesse momento reações adversas, como risos, choros, falas incessantes, catatonia e recolhimento.

“Não, eu não, não pode ser verdade”. Esta negação inicial era palpável tanto nos pacientes que recebiam diretamente a notícia no começo da doença quanto aqueles a quem não havia sido dita a verdade, e ainda naqueles que vinham, a saber, por conta própria (KÜBLER-ROSS, 1996, p.51).

A raiva ou ira – Aparece após a negação. Apesar da perda real, existe um sentimento de raiva racionalmente que não faz sentido. É comum o pensamento “porque a mim?” surgem nesta fase sentimentos de inveja e revolta. Todas as palavras de conforto ditas nessa fase soam como falsas (KUBLER- ROSS, 1996).

A negociação ou barganha - Começa quando o sujeito percebe a hipótese da perda, e devido a isso tenta barganhar, a maioria das vezes com forças superiores, com a finalidade de tentar mudar a situação. É basicamente uma troca que o sujeito procura fazer para minimizar a dor, sob a forma de promessas como recomeçar, mudar um hábito, reformular os valores e conceitos (KUBLER- ROSS, 1996).

A depressão – Emerge quando o sujeito se conscientiza que a perda é inevitável, não tem como contorná-la. Não tem como fugir à perda, este tem o sentimento de um “espaço” vazio da pessoa (ou coisa) que perdeu. Conscientiza-se da perda real do objeto, seguido por profunda angústia e solidão, e com ela vão-se os sonhos e projetos idealizados. É difícil a aceitação da realidade de se perder tudo. Perde-se o emprego, as condições financeiras, a dignidade, e as pessoas se afastam. A sua dormência ou estoicismo, a sua ira e raiva, serão brevemente substituídas por uma sensação de grande perda. Esta perda pode ter muitas facetas (KÜBLER-ROSS, 1996).

A aceitação – Fase em que o sujeito sente ainda uma tristeza, mas com certa tranquilidade, sem desespero. Ele é capaz de voltar às atividades normais, aos poucos, dando um lugar para o sentimento da perda, e muitas vezes com a capacidade de preencher o vazio provocado. Nessa fase o espaço vazio deixado pela perda é preenchido.

O estágio da aceitação não deve ser confundido com uma fase de felicidade. É quase um vazio de sentimentos. É como se o sofrimento tivesse desaparecido, a luta tivesse acabado, e chegasse à altura, nas palavras de um paciente, do descanso final antes da longa viagem (KÜBLER-ROSS, 1996).

O RASTRO

As fases do luto, o próprio luto, é vivenciado como experiência única, intransferível, abre lugar ao sujeito mediante a experiência universal. Todos passam por perdas, mas cada um se apropria a partir de sua subjetividade. Jacques Derrida abre este campo conceitual ao falar da “différance”, onde ele troca o “e” pelo “a”, trazendo a implicação do rastro.

O que o motivo da *différance* tem de universalizável em vista das diferenças é que ele permite pensar o processo de diferenciação para além de qualquer espécie de limites: quer se tratem de limites culturais, nacionais linguísticos, ou mesmo humanos (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, pg 33).

Na construção de “*différance*”, com “e”, será apenas luto, perda, separação, ocupando um tempo e um espaço, o concreto, o palpável sendo realizado. Enquanto vivemos e agimos existem coisas que são absorvidas que o tempo e o espaço não dão conta. Então a “*différance*” com “a” é construída por Derrida para dar conta do que há na temporalização e do espaçamento.

Depois, a *différance* não é uma distinção, uma essência, ou uma oposição, mas um movimento de espaçamento, “devir-espaço” do tempo, um “devir-tempo” do espaço, uma referência à alteridade, a uma heterogeneidade que não é primordialmente oposicional. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, pg 34).

Observa-se pela visão de Derrida essa construção do luto de forma diferenciada.

Não existe um sujeito que age. Existe uma ação que inscreve um sujeito e a ação é constitutiva de rastro. É pelo rastro que Derrida torna possível a própria inscrição do sujeito. O rastro é inconsciente, é o outro dentro de si mesmo. (TOMÉ, 2014, pág. 174).

Não é o luto que incita no sujeito as respectivas fases vividas por cada um, e sim o que

transcende o tempo e o espaço. Todos passarão pelo processo do luto, porém indiscutivelmente, cada um experimentará de maneira subjetiva, única e singular, que Derrida chama de rastro. Transcende a mim, transcende ao sujeito. É o encontro das relações, indescritível, que escapa ao físico, vai além do imaginável.

Existe a *différance* desde que exista traço vivo, uma relação vida/morte ou presença/ausência, através e apesar de todos os limites que a mais forte tradição filosófica ou cultural acreditou reconhecer entre “o homem” e “o animal”. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, pg 34).

Freud traz a descrição do luto e Derrida traz o sujeito do luto. Isso serve para pensar o luto na individualidade do enlutado, para além de fases (didaticamente necessárias), mas em seu modo de ser afetado e afetar o outro, aqui a importância da análise. O luto é natural e não patológico, mas pode-se pensar sobre as construções que se fazem a partir dele.

RESULTADO/DISCUSSÃO

Os resultados apresentados revelam as fases do luto, com base nos argumentos de Kübler-Ross (1996), em que cada um dos entrevistados passou de acordo com suas vivências.

Os sujeitos são representados por números, a fim de manter o sigilo, e a identificação/caracterização de cada um está na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das fases do luto identificadas nos sujeitos entrevistados.

	FASES DO LUTO					Total Fase
	Negação	Raiva	Negociação	Depressão	Aceitação	
Sujeito 1	X	X	X	X	X	5
Sujeito 2	X	X		X	X	4
Sujeito 3	X			X		2
Sujeito 4					X	1
Sujeito 5	X	X		X		3
Sujeito 6	X			X	X	3

O sujeito 1 é um homem de 40 anos de idade que passou por um divórcio há 5 meses; O sujeito 2 é um homem de 62 anos de idade que teve a perna amputada há 9 anos devido uma gangrena provocada por uma diabetes desconhecida pelo mesmo; O sujeito 3 é uma mulher de 43 anos que passou por uma traição do esposo, sem a consumação do um divórcio. O sujeito 4 é um homem de 71 anos que teve a perna amputada há 11 meses por causa de uma trombose. O sujeito 5 é uma mulher de 43 anos que enfrentou a morte da mãe; O sujeito 6 é uma mulher de 27 anos que enfrentou a perda da avó.

Diante das informações colhidas dos diversos entrevistados, com idade, sexo e vidas sociais diferentes, que não se conhecem, observa-se o sofrimento inerente da perda, onde cada um na sua fala, expressa de maneira subjetiva seus sentimentos, os quais nos leva a identificar as fases do luto, por sua vez experienciada em sua totalidade ou não.

Passamos a relatar alguns trechos das falas dos entrevistados, onde identificamos as fases:

Sujeito 1:

“Eu não acreditei”. (negação)

“Dentro de mim eu não queria, queria lutar pelo nosso casamento”. (negociação)

“Fiquei muito triste, queria ficar sozinho”. (depressão)

“Trabalhei tanto que me esqueci de pesar nela. Às vezes meu pensamento foi errado”. (raiva)

“Estou superando, mas a gente vai criando outros mecanismos para a vida”. (aceitação)

Sujeito 2:

“Susto, muito susto. Não pensei que iria chegar o ponto que chegou”. (negação)

“Chorei muito, fiquei muito desanimado, sem vontade fazer as coisas que eu fazia”. (depressão)

“Remorso, muita culpa por eu mesmo ter provocado essa situação”. (raiva)

Sujeito 3:

“Entrei em choque. Não quis acreditar de forma

alguma". (negação)
"Não queria sair de casa, pensava constantemente em morrer". (depressão)

Sujeito 4:

"Quando o médico me falou que tinha que cortar a perna, eu disse pra ele que se tinha que cortar era pra cortar logo, na maior tranquilidade". (aceitação)

Sujeito 5:

"Desespero total, a gente nunca tá preparado" (negação).
"Não sei por que aconteceu comigo". (raiva)
"Dói muito, acho que nunca vai passar essa dor". (depressão)

Sujeito 6:

"Fiquei em estado de choque". (negação)
"Comecei um tratamento médico com um psiquiatra e sessões com uma psicóloga". (depressão)
"Sim, superei, porque nem sair de casa saia mais". (aceitação)

Como é possível observar na tabela 1, apenas um dos entrevistados passou de forma mais identificada pelas cinco fases do luto, que foi o sujeito 1.

O sujeito 2 passou pela fase da negação, raiva e aceitação. O sujeito 3 passou pelas fases da negação e depressão. Observa-se na fala do mesmo que este parou em um determinado estágio e sente dificuldades para prosseguir em sua superação. O sujeito 4 foi muito solícito nas respostas, onde não apresentou a passagem pelas quatro primeiras fases, indo com muita facilidade para a fase da aceitação, apesar ter decorrido apenas 11 meses de sua perda. O sujeito 5 passou pelas fases da negação, raiva e depressão. Observa-se em sua fala "nunca vou superar" a recusa em passar pelas fases. O sujeito 6 passou pelas fases da negação, depressão e aceitação.

A proposta do presente artigo cumpre seu papel de mostrar essas peculiaridades em que o sujeito enfrenta o igual de maneira diferente,

pois todos vivenciam de uma forma ou de outra o luto, mas cada um em particular fica marcado, registrado com o rastro, que segundo Derrida é uma relação "vida/morte ou presença/ausência". (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, pg 33).

Com base nas entrevistas apresentou-se os rastros deixados na fala de cada um dos entrevistados:

Sujeito 1 ao ser perguntado sobre como era sua vida antes da perda, em meio à resposta ele diz "acredito que o sonho era só meu... a gente vai criando outros rumos para seguir em frente porque a vida não pode parar."

Sujeito 2 ao responder como era sua vida antes da perda, ele relata que vivia normalmente, tinha um vida social ativa, onde no meio da fala ele diz "... agora fiquei impedido disso".

Sujeito 3 sem condições para prosseguir sua superação, num dado momento ela diz "Sei que ficaram marcas dentro de mim, que por mais que tento apagá-las não consigo. Amo minha família, meu marido, mas não sei explicar..."

Sujeito 4 causou-nos estranheza a forma como respondeu de forma rápida e objetiva todas as perguntas, deixando no final da entrevista uma piada em que tentava passar uma realidade mais tolerável. "Agora tenho três (risos). As duas muletas e uma perna (risos)".

Sujeito 5 ao ser perguntado sobre como se sente em relação à perda, num dado momento ela diz "Às vezes acho que vou a casa dela e ela vai estar lá, vai estar tudo bem, ai quando chego lá, é só dor e sofrimento".

Sujeito 6 respondendo bem as perguntas, apesar de ter passado pela negação, depressão e aceitação, ela diz "conforme os dias vão passando, o que vai restando é muitas saudades e muitas lembranças".

CONCLUSÃO

Foi possível entender com o relato de cada entrevistado, que todo ser humano passa por perdas no decorrer de sua vida. Perdas estas que trarão dores, sofrimentos e amadurecimento,

independente de raça, sexo, escolaridade, posição social ou econômica.

Sendo a perda inevitável, observa-se na fala dos sujeitos as tentativas de reconstrução (embora sutil) de suas identidades, através de suas experiências subjetivas que por muitas vezes passa imperceptível.

Observando a fala dos entrevistados, percebe-se que os mesmos respondiam intensamente, com sentimento, a ponto de falar e expressar o que não se perguntou. Nesse espaço captamos sentimentos inerentes a todos, porém único e singular de cada um deles, que escapa o tempo e o espaço. Falas que ao mesmo tempo em que os assemelha um com o outro, torna-os diferentes no tocante a uma marca que fica com cada um. A essa marca Derrida denominou “rastros” (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, pg 33).

O rastro é o sinal deixado na caminhada da vida e que cada um tem o seu, a sua pegada, leve ou forte, grande ou pequena, mas é o seu rastro, a sua marca, aquilo que não posso falar. Algo que ninguém faz ou sente por você, ou igual a você. É o sujeito que vive, é o sujeito da experiência, e o que fica dentro do sujeito marcando de forma às vezes inexpressiva com palavras.

REFERÊNCIAS

CATERINA, Marlene Carvalho. O luto: Perdas e Rompimento de Vínculos. Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba, fevereiro 2008. Disponível em: <http://docplayer.com.br/3802781-O-luto-perdas-e-rompimento-de-vinculos.html>. Acesso em: 19 Maio 2016.

DE ANDRÉ, Marly Eliza Dalmazo Afonso. Texto, Contexto e Significados: Algumas Questões na Análise de Dados Qualitativos. São Paulo, Cad. Peq., Maio 1983.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Revista Paraense de Medicina, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

FREUD, Sigmund. Obras Completas Vol. XIV. 9ª ed. 1996, pág. 135.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia, SE, XIV, pág. 251.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. 1. Ed. Cosac Naify, 2012.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916). Coleção Obras Completas, vol.12. Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

GAY, Peter. Uma vida para nosso tempo. Biografia definitiva de Freud. São Paulo:Companhia das letras 2012.

JARAMILLO, Isa Fonnegra de. Morrer Bem. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Angústia e castração. Reverso, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 37-42, set. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 maio 2016.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 7ª edição 1996.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo, Editora Atlas, 5ª edição, 2003.

PINCUS, Lily. A família e a morte: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

ROUDINESCO Elisabeth, DERRIDA Jacques. De que amanhã... diálogo. Editor Jorge Zahar, 2004.

TOMÉ, Cláudia Maria Felício Ferreira. Discurso, sujeito e currículo para diferença: o por vir da desconstrução derridiana. 2014, pág. 174. Disponível em <https://www.google/>